

## A transparência através das cartas



*O ma vieille compagne, ma musique, tu es meilleure que moi. Je suis un ingrat, je te congédie. Mais toi, tu ne me quittes point; tu ne te laisses pas rebuter par mes caprices. Pardon ! tu le sais bien, ce sont des boutades. Je ne t'ai jamais trahie, tu ne m'as jamais trahi, nous sommes sûrs l'un d'autre. Nous partirons ensemble, mon amie. Reste avec moi, jusqu'a la fin!*

**Romain Rolland - Jean Christophe**

Foi em 1981 que conheci pessoalmente Júlia d'Almendra, após décadas de admiração por seus textos sobre Claude Debussy (1), colocados entre os mais aprofundados estudos no que concerne a temática modal, área na qual, em outra direção, a ilustre musicóloga se tornaria igualmente referência internacional.

Estava a finalizar um livro sobre a pianística de Debussy, logo após ter apresentado a integral para piano do compositor francês, quando pensei submetê-lo à apreciação da ilustre especialista. Tendo enviado o texto completo à Júlia d'Almendra por intermédio de meu irmão, o jurista Ives Gandra Martins, recebi da musicóloga uma primeira carta, datada de 27 de Abril de 1981, o que me causou emoção e estímulo. Até 1988, quando a saúde da insigne gregoriana declinaría acentuadamente, foram 40 cartas, 13 cartões postais (2), fotos e livros de autores que preenchiam a minha área de estudos, carinhosamente autografados.

De um primeiro encontro aos 27 de Junho de 1981, apreenderia o ritmo infatigável quanto à metodologia de trabalho e à dedicação plena à Música que Júlia d'Almendra transmitia através da ação. A minha ida à Lisboa se dera em torno de Claude Debussy. Chegara pela

manhã à bela capital, e já ao cair da noite estava eu diante de Júlia d'Almendra em sua residência à rua d'Alegria, 25, 1º andar. Lembro-me de sua figura pequenina, firme, fisionomia marcante, onde se destacava um sorriso franco, ainda contido, e a elegância sem exageros.

Sobre a mesa, o grosso volume datilografado que continha o texto de meu futuro livro. Dezenas de felipetas entre as páginas trouxeram-me a certeza da leitura minuciosa de todo o volume e a apreensão do que viria. Argüição, severas críticas, sugestões para mudança de rumo ? Nesta primeira noite e nas subseqüentes, Júlia d'Almendra me questionaria das sete horas do final de tarde – com pausa para uma refeição onde não faltava uma sopinha – até às 3 da manhã aproximadamente, quando, após as despedidas, subia eu a Av. da Liberdade, contornava a Av. Duque de Loulé até o Residencial Belmonte.

A sabatina, tendo demorado longas e profícuas noites, levou-me a considerações precisas. Sabedor de que todos os aspectos possíveis de suscitarem polêmica não passariam incólumes ao olhar da insigne argüidora, admirava sempre a qualidade da pergunta formulada por Júlia. Após questionamento e resposta, Júlia ou requestionava a fim de maiores esclarecimentos, ou permanecia silenciosa, anotando as suas observações.

Chamava-me sempre de professor e, ao final dos prolongados encontros - melros já anunciavam o novo dia - sentia-me pleno de exaustão, mesclada de felicidade interior e de admiração pela aparentemente frágil Júlia d'Almendra. Com delicadeza, a ilustre musicóloga abre um armário, retira dois cálices e uma garrafa de um Porto especial, coloca-os à mesa e diz-me simplesmente: somos irmãos em Debussy, *chame-me de Julinha e eu o chamarei de meu irmão José Eduardo*. No dia seguinte, entregou-me datilografado o prefácio do livro em apreço, causando-me forte emoção (3). Confesso que jamais, em toda a minha vida acadêmica, tive uma argüição tão longa e pormenorizada. Ofereceu-me, com dedicatória, o seu importantíssimo **Les Modes Grégoriens dans l'oeuvre de Claude Debussy**, com uma expressiva dedicatória: *Ao José Eduardo Martins, Lembrança afectuosa dos dias de trabalho que o entusiasmo debussysta prolongou pela noite dentro sem sinais de cansaço*. Lisboa, 3 de Julho de 1981. Nessa noite, entregou-me uma carta, recomendando-me a François Lesure, então Diretor do Departamento de Música da Biblioteca de Paris e, consensualmente, a grande autoridade sobre Debussy na segunda metade do século XX, autor de vasta e conceituada bibliografia sobre o autor de **Images** e responsável por respeitadas edições críticas. Uma outra amizade se formaria e que se estendeu até o falecimento do respeitado musicólogo, ocorrido em 2001 (4).

A partir de 1982, à convite de Júlia d'Almendra, hospedava-me em sua morada à Rua d'Alegria, quando das viagens anuais para apresentações em Portugal. Sedimentava-se um relacionamento extraordinário, uma extensa lição de vida, tantas foram as essencialidades transmitidas pela irmã em Debussy.

O convite da Professora Idalete Giga, Presidente da Direcção do Centro Ward de Lisboa – Júlia d'Almendra, para que escrevesse um texto para um livro comemorando o centenário de nascimento da musicóloga portuguesa, levou-me a reflexões. O que redigir, se tantos serão os ilustres consultados, que devem encontrar as sendas das especificidades ?

Considerando-se a longa trajetória da ilustre homenageada, pode-se verificar a extrema competência em sua área de atuação e a plena coerência nas várias vertentes dela decorrentes. Ter estudado violino intensamente, na adolescência e na juventude, sob a orientação de um excelente professor do Conservatório de Lisboa, Alexandre de Bettencourt e Vasconcelos, deu à musicista as bases do conhecimento sólido de um

instrumento musical. Ter estudado no Instituto Gregoriano de Paris revelou a certeza do encontro desse eixo paradigmático de sua existência. Ter estudado profundamente a influência modal na obra de Claude Debussy propiciou a aplicação de seus conhecimentos numa difícil e acertada detecção. O que ocorreria quando de seu retorno a Portugal, nada mais foi do que a realização plena de todas as suas aspirações, tanto no plano diretivo quanto no didático. Ter fundado o Centro que se tornaria o Instituto Gregoriano de Lisboa, a Liga dos Amigos do Canto Gregoriano, levando para Portugal, *in adendo*, o Método criado pela educadora Justine Ward e aplicando-o com a maior dedicação, propiciou à Júlia d'Almendra na junção de múltiplas atividades, o desempenho exemplar em todas essas: Diretora firme, mas generosa, Professora enérgica, mas amorosa, Regente Coral ciente da missão maior a ela atribuída, Pesquisadora infatigável.

Optei, não sem relutâncias, como colaboração a um livro que terá material abundante a ser divulgado, por procurar as cartas de Júlia d'Almendra, acreditando ter encontrado a maioria delas, pois algumas podem estar no meu arquivo em outras pastas, passados tantos anos. Cartões postais foram localizados, mas seria possível pensar que alguns se escondem dentro de certos livros, como paginadores afetivos...

O conjunto dos escritos de Júlia d'Almendra em questão tem tópicos recorrentes, basicamente os mesmos, mas a cada visitação às temáticas, Júlia deitava quase sempre um novo olhar. Vida e ação formaram, no caso de Júlia d'Almendra, um amálgama indissolúvel. A grandiosidade da gregoriana nascida em Samões está nessa compreensão da existência desprovida de qualquer vontade dirigida à elucubração.

As missivas a mim endereçadas entre os anos de 1981-88 demonstram a segurança da pena que não submerge às rasuras, a revelar sempre, *conditio sine qua non*, o espírito privilegiado e generoso. Poder-se-ia dizer que Júlia encontra no estilo coloquial, o caminho capaz de levar ao destinatário os seus “estados de alma”. A quantidade de exclamações estariam a evidenciar a permanente admiração por tudo que a cerca, sejam bons ou maus momentos. Essa visão exclamativa, traduzida numa linguagem sempre clara, dá à leitura esse sentido de transparência. Devido a essa naturalidade da escrita, respeitamos os textos originais, mesmo que contenham uns poucos deslizes mercê das muitas atribuições simultâneas por Júlia propostas.

Alguns temas essencialmente musicais são tratados com leveza e competência. Caso específico, o do canto gregoriano. O fato de ser o meu conhecimento da matéria limitado levou-me a solicitar conselhos à ilustre amiga gregoriana, a fim de entender determinados princípios modais. Quando Júlia faz referência à temática nas cartas, fá-lo considerando o futuro contato pessoal. Lembro-me de ter passado, reiteradas vezes, longos períodos conversando com a amiga, sobremaneira a respeito de um segmento do canto gregoriano, o agógico, que evidencia essa liberdade da frase musical que permanece como uma condição da expressividade e da emoção em todos os períodos históricos, pois natural. A cada visita anual, Júlia que separara previamente livros, tratados e partituras, mostrava-me exemplos nos quais sinais indicativos em determinados antifonários ajudavam as intenções agógicas, dando à linha melódica e ao texto a necessária flexibilidade. Essas verdadeiras aulas foram-me de extrema importância, na captação desse antecedente, para a interpretação voltada ao intrínseco da frase musical em compositores bem posteriores, como J.S.Bach, J.-Philippe Rameau e Carlos Seixas. Ao ouvir-me estudar em seu piano, obras de Debussy, Scriabine, Liszt ou mesmo composições contemporâneas, muitas vezes aproximava-se do instrumento e comentava a decorrência exacerbada dessa flexibilização

agógica nos autores mencionados. O **rubato**, entendido como herança de um passado modal.

Pode-se observar, na correspondência escrita por Júlia d'Almendra, a ausência da vontade em ver o escrito perenizado. Contam-se às centenas aqueles que depositavam e depositam nas cartas o não dito em um texto “oficial”, partindo sempre esses missivistas de duas premissas básicas: a qualidade do receptor que não extraviará o conjunto epistolar, e a liberdade ampla do pensamento, tantas vezes contida por circunstâncias as mais distintas nos textos que vêm a público.

Júlia d'Almendra decididamente não se mostra memorialista nas cartas mencionadas. Sim, há menções à juventude, aos estudos, contudo, no que se refere aos conceitos, eles são desprovidos da jactância, do vazio das idéias, do possível debate estéril... A correspondência de Júlia, específica no caso, evidencia o pensar as coisas simples sempre respirando Música, o encantamento pelo belo representado pela natureza e suas manifestações, a atenção ao onomatopáico, o entender a fragilidade interior de algumas pessoas que a cercavam e a faziam sofrer em silêncio, o viver o momento da escrita com amor e a exortação a Deus, sempre.

A releitura das cartas de Júlia d'Almendra, causou-me estranha sensação. Quando da recepção de cada missiva, lia com o maior entusiasmo e amizade, tendo *in adendo*, a curiosidade pelo escrito inédito. As folhas novas, a letra personalíssima de Júlia, acrescentavam à leitura um raro prazer. Revisitar o conjunto de cartas, desvela uma realidade totalmente distinta daquela originária. Basicamente duas décadas separam as leituras. Não há o ineditismo para o destinatário das missivas, mas o sentido de interpretar o que será lido nesse novo debruçar. O papel, amarelecido pelo tempo, dá a cada carta o traje histórico. Júlia emerge nesses escritos ainda mais admirada, pois determinados conceitos tiveram a leitura no passado, plena da avidéz própria ao se ler um texto recebido e profundamente amigo. Esse comprometimento fez com que, naqueles momentos, tantas pequenas e profundas mensagens passassem menos apreendidas. Há que se considerar, por fim, os vinte anos a mais do leitor, a corroborarem a filtração diferenciada.

A leitura minuciosa e reiterada nessa nova circunstância fez com que fossem categorizados alguns tópicos e suas recorrências, a fim de que o espírito dos itens escolhidos permanecesse na maior limpidez. Essa menção faz-se necessária pelo fato de que Júlia d'Almendra tem um pensamento inequívoco para cada assunto abordado, independentemente do mesmo se apresentar em épocas distintas. Busquei configurar esses “temas”, tais como trabalho, Instituto Gregoriano e os dissabores, natureza e metáforas, Debussy e outros aspectos musicais, carência afetiva, saúde, reflexões gerais. Basicamente, Júlia a eles recorre seguidamente.

Causa impacto forte a disposição para o trabalho, pesquisa e aplicação de Júlia d'Almendra. Confessara-me um dia, após pergunta a respeito, que a partir dos anos 50 foi reduzindo pouco a pouco o seu tempo de sono, pois entendia que perdia muito tempo dormindo e que longos projetos de vida a ela se apresentavam. Impressionava ver Júlia, quase octogenária, aprofundar-se nos estudos até altas horas, reservando três ou quatro, no máximo, para o repouso. Cansava-a a tarefa burocrática: *Em relação ao que sonhei, embruteço, sem tempo para o meu trabalho pessoal. Em relação a quanto respeita o ensino e restantes actividades, prolongam-se normalmente até às duas e três da manhã ! É esta a panorâmica da minha vida assaz sobrecarregada* (5). Alguns meses mais tarde ratifica com ênfase a sua ocupação multidirecionada: *Atravesso uma fase terrível de trabalho, devido ao último*

curso intensivo que terminou ontem, tendo tido aulas todas as manhãs e todas as tardes. Anteontem corrigi pontos até à 5,30 da manhã, para me levantar às 8 horas e estar às 9 no Instituto para as provas orais. Foi um curso de Pedagogia Musical para formação de professores. O ano escolar começa depois de amanhã, tendo a meu cargo as classes de Canto Gregoriano, Modalidade, Direcção Gregoriana e Direcção Polifônica, e a responsabilidade da 'Schola', para a qual me exigem todo o programa musical a dar este ano ! Tanta, tanta coisa que eu não tenho ainda preparada, e , portanto, praticamente eu não tive férias...(6). Em outra carta, a expressar profissão de fé, escreve: Diz o caro amigo haver-se impressionado com a minha incrível capacidade de trabalho !...Tudo isso é apaixonante, é vida, possa embora ser por vêzes fatigante (...) Mas, parar, é morrer... e eu sigo o meu caminho ! (...) siga sempre o seu caminho, apaixonante, que se lhe abre e desdobra em diversas facetas. Deus lhas manda, e Deus nada manda superior às nossas forças (7) ! Em outra missiva, observaria: Noites houve que trabalhei até às 4, 5 horas da manhã, levantando-me às 8 h. (8) ! Impressiona o teor do lindo cartão de domingo de Ramos de 82 : Basta dizer que para vir à Samões em busca de descanso e sossego, tendo de partir às 7 h. da manhã, nem sequer me deitei ! Tive trabalhos e arrelias até ao último momento ! Júlia tem consciência por vezes desse frenético esforço e expressa meses após, citando o poeta: 'Mais do que permitia a força humana'(9). Se o trabalho com a específica realidade musical portuguesa era intenso, observem-se os contatos quase que diários com o exterior: ...e vim para casa onde tenho montes de coisas a fazer, quase tudo ligações (as mais curiosas !) com o estrangeiro ! Pessoas que me pedem conselhos, de Washington, New York, etc. até Bombaim (10) ! Antes de uma viagem à França, evidencia a qualidade dos interlocutores: Quero dizer-lhe que estou convocada para um encontro internacional de trabalho em Paris de 1 a 3 de Maio próximo. Coincidem estes três dias com terça, quarta e quinta-feira, mas decerto ficarei até sábado ou domingo para matar saudades de antigos mestres como Chailley, Souberbielle, etc, desde então meus grandes amigos (11). Júlia, na segunda metade de 1985, tem uma carga imensa de atividades: Terei a 36º Semana Gregoriana de Fátima de 3 a 10 de Setembro. Depois, como grande responsabilidade, a participação no VIII Congresso Internacional de Música Sacra, em Roma, de 16 a 22 de Novembro, com a participação das crianças de 3º ano Ward, e com a 'Schola'. Terei de começar a trabalhar esses elementos em meados de Setembro, o que não é fácil devido a prolongarem-se as férias grandes até quase meados de Outubro ! Enfim ! E, orientada sempre por um senso de responsabilidade e rigor, observa: Há ainda aqueles ou aquelas a quem interessa especialmente o turismo gratuito...com total ausência do sentido das responsabilidades. Terei de fazer seleção e fazer compreender que o interesse reside na qualidade (grifo J.d'A.) e não na quantidade (12). Um ano após, ratifica a dedicação plena ao labor incessante: ...a actividade sem tréguas. O ano escolar aqui, terminou, mas...surgem os cursos de férias com seis horas de aula por dia. Terei um curso intensivo para formação de professores 'Ward' para as escolas primárias de 16 a 25 de Julho; e de 17 a 24 de Agosto (griffos J.d'A.), em Fátima, a 37º Semana Gregoriana (13). Ainda há a preocupação por trabalhos novos: Tenho bastante trabalho com algumas coisas que preciso desenvolver, outras...iniciar ! Decerto não poderás calcular, querido irmão, a acumulação de tão diversas matérias que fervilham por vêzes na minha pobre cabeça (14). Próxima do 84º aniversário, em Junho de 88, a constatação de que a intensa atividade não mais poderá ser mantida: Possivelmente não poderei manter esse ritmo, o que me entristece, pois não poderei corresponder a convites recebidos do estrangeiro pedindo a minha colaboração. É

*o caso de Monsenhor Overath, Presidente da C.I.M.S., ao qual recusei o seu convite vindo da Espanha (Saragoza) para um Congresso Internacional que se realiza sobre música antiga em Agosto próximo. É talvez uma crise moral que passará. Veremos...Não fique o irmão preocupado com a minha saúde, por que mais uma vez se confirmará o velho provérbio: ‘coisa ruim não tem perigo’ (15). Em uma última menção em carta, dá a dimensão imensa do trabalho: Terei de 4 a 11 de Setembro a 39ª Semana Gregoriana de Fátima que inclui 4 classes de Canto Gregoriano, duas de Direcção Gregoriana e Polifônica, duas de Solfejo para principiantes, e outra de Órgão (...) Como podes calcular a irmã Julinha terá muito em que pensar...o que será uma boa ginástica cerebral (16).*

O trabalho levado ao limite teria, nos últimos anos da existência de Júlia d’Almendra, um fator que influiria na concentração à pesquisa ininterrupta: os dissabores com a Comissão Instaladora, nomeada pelo Ministério para dirigir o Instituto Gregoriano de Lisboa, sucedâneo do Centro de Estudos, ambos criados pela ilustre musicóloga portuguesa. Júlia, nas cartas, revela a sua amargura e lêem-se, além das linhas, os possíveis prolongados períodos passados na solidão de sua casa, os solilóquios silenciosos, pressionantes. Na idade avançada, não teria havido a menor complacência para com a fundadora das Instituições por parte dos membros da Comissão Instaladora. Em mais de uma dezena de missivas, Júlia com tristeza aborda o assunto. Não seria este espaço o adequado para a menção às frases as mais ácidas e atormentadas em relação à Comissão. Que ela sofreu, é inequívoco, tendo inclusive ouvido da saudosa amiga inúmeras considerações – *são assuntos largos que só pessoalmente lhe contaremos. Tudo vaidades...fragilidades humanas (17)!*, sempre num estado de certa depressão que, felizmente se dissipava, aparentemente, quando proposta era pelo interlocutor uma referência à Música, a Debussy ou ao método Ward. Deixemos Júlia em suas observações menos cáusticas, mas denotadoras do grande abalo sofrido nos últimos anos: *O ano passado, dos 4 membros da Comissão eram sempre 3 contra 1 ! O 1 era eu, razão que me levou a pedir a minha exoneração do cargo de membro da Comissão. Porque seria um escândalo, não foi aceita. Assim continuei eu a sofrer com as reuniões que muitas vêzes são tortura para mim...(18).* Meses após, precisa: *Não vi a carta que lhe escreveram, pois me ocultaram a sua e a resposta ! Exigi vê-las e tive decepção com a resposta, que critiquei.* Após tecer comentários sobre a Presidente da Comissão Instaladora do Instituto, continua: *Poderá por aqui avaliar as minhas preocupações em relação ao Instituto que eu fundei, vencendo lutas e sacrifícios. Depois, não sei porquê, há inveja de mim ! Enfim, há muitas dissonâncias...(19).* Àqueles que tiveram o privilégio de conviver com Júlia d’Almendra nesse período difícil, claro teria ficado a assertiva de que a saúde da gregoriana teria o seu declínio a partir dos dissabores. Júlia denotava no início de 1984 o abatimento com as alterações feitas no Instituto: *Mas, hoje eu regressava à casa com uma sensação grande de tristeza. No meu pobre Instituto Gregoriano passam-se coisas que me dizem respeito, pessoalmente: outras com a obra que eu criei e cujo carácter se descaracteriza em favor, talvez, dum futuro conservatório de 2º ou 3º categorias. A minha opinião não é pedida nem ouvida ! A ‘Schola’, que tão bons concertos deu durante 30 anos, está a vir abaixo devido a vários ‘corinhos’ que se estão formando sem qualquer princípio pedagógico nem noção de níveis. C’est la pagaille, mon cher. Il y a à quoi devenir folle (20) !* Posteriormente Júlia comentaria: *Muito me regozijo em pensar vê-lo brevemente na ‘Lisboa amada’ e nesta sua casa onde, onde...lhe está destinado um mau piano desafinado ! Vou tentar que um afinador procure diminuir a tortura de seus ouvidos. Já o deveria ter feito, mas sob todos*

*os aspectos este ano marcou-me muito, física e moralmente, não sendo estranho quando por lá se passa no Instituto que perde pouco a pouco o carácter com que o fundei ! Tudo isso se reflete na minha saúde de corpo e alma (21) ! Observa-se, sob outro aspecto, que à Júlia importavam as questões musicais e pedagógicas, distantes do conteúdo resultante das intrigas. No final do ano observa que seu estado de espírito está sob pressão de nervos e argumenta: *É estranho, não é ? Alguém disse numa crítica musical que ‘a Júlia d’Almendra é uma mulher frágil com alma de bronze e nervos de aço’...Estás de acordo (22) ? O desgosto a faz periodicamente refugiar-se em Parede ou, menos freqüentemente, devido à distância, em Samões: (...)* as atitudes inconcebíveis da Comissão Instaladora do Instituto Gregoriano, atitudes que só revelam inveja e inferioridade, carta esta escrita em Parede, (...) *para me encontrar a mim mesma; para refletir, para meditar (23).* Na correspondência, Júlia comenta sempre com pesar aquilo que ela denomina arrelias. Numa última menção, a amiga lamenta: *Largos contos e muitas arrelias que me têm traumatizado os nervos ! Intrigas lançadas até no meio internacional ! Pessoalmente falaremos muito, está bem (24) ?**

O fato de Parede e Samões, duas tebaidas paradigmáticas para Júlia, serem frequentadas quando possível, propicia à sensível musicóloga o extravasar conteúdos interiores, dar-se às reflexões e à contemplação da natureza e suas manifestações. Insiste nas palavras contemplativa e nostálgica, dois estados de espírito característicos quando Júlia está frente à natureza. Sem esses paraísos, assim entendidos por Júlia, seria ponderável pensar que as suas amarguras pudessem levá-la à grande depressão. Há sempre por parte da amiga o olhar o belo e dele tecer considerações, mesmo que a nostalgia possa advir.

Em Paris, associa o tempo ao seu estado de espírito: *...Tempo brumoso a sombrear as minhas idéias sobre o Simposium a realizar em Washington em 1983 (25).* De Parede, um mês após: *Escrevo-lhe frente ao mar, tendo o céu por abóboda magnífica dum azul puríssimo, sem núvens ! Aqui, compreendo a paixão de Debussy pelo mar, por esta dádiva de Deus que tantos corpos disformes maculam. A imensidade do mar, o seu movimento incessante tornam-me contemplativa. Como é admirável o ritmo das ondas o qual o homem nada pode...Deus, só Deus (26) !* Nas montanhas, em Samões, na festa de Ramos de 82: *Quanto gostaria e precisaria ficar neste paraíso mais tempo, em contacto com a natureza, com gente sã, escutando o silêncio profundo da montanha apenas cortado pelo canto das aves. E se encanta com a manifestação singela, observando que há uns passarinhos que todas as manhãs vêm acordar-me batendo com os seus bicos nas vidraças da minha janela...Estou certa de que se o nosso caro Debussy aqui estivesse, seria possível a quanto digo, e escreveria uma Reverie...Tanto eu não sei ! Já em Lisboa, é a tormenta de outono que a faz observadora: Acabo estas linhas sob um vendaval tremendo que fustiga as minhas janelas parecendo despedaçar os vidros com a fúria do vento e da chuva ! E Deus, para a gregorianista de fé intensa, é lembrado: Parece que Deus quer mostrar o seu poder à pobre Humanidade para lhe mostrar a sua falta de Amôr e as suas monstruosidades que, sem ele, o mundo pratica ! Se eu soubesse escrever, decerto escreveria qualquer coisa de dramático...(27).* Em Parede reitera o sentimento que a natureza a ela proporciona: *Refugiei-me este fim de semana num apartamento que tenho na Parede, tendo por panorama o mar, com o seu perpétuo movimento limitado, coberto pela abóboda do céu que o limita. Torno-me nostálgica, encontro-me a mim própria...o que me faz bem (28).* Recorre, no memo local, às imagens do mar, sempre nessa visão reverencial para com o oceano: *Sózinha, em frente ao mar imenso, aqui limitado pela abóboda do céu, o Atlântico*

que nos separa, acabo de reler a sua carta (...) Está a noitecer. O sol poente reflete no mar tons côr de rosa, dando a impressão que vai mergulhar no mar. São efeitos de sonho que me encantam. Na mesma carta observa: A imensidade do mar e do céu tornam-me contemplativa, mas a contemplação do belo é salutar porque não é criação nossa mas de Deus ! E numa frase bem característica à sua índole: Não fales de mim aos teus alunos. Que valho eu, querido irmão (29) ? Poeticamente em Parede volta ao tema do mar e vem-lhe a lembrança de Antônio Cândido : Estas linhas são escritas em frente ao mar. Está maré cheia, está lindo, parecendo que o mar avançando, quase abraçar, beijar a terra ! O movimento contínuo do mar torna-me contemplativa e a sua grandeza eleva-me a alma a Deus. Quem ousará não acreditar em Deus perante tal grandeza ? O nosso grande pensador Antônio Cândido, adorava o mar mas ia sempre para a montanha ! Perante a estranheza de um amigo que o censurava pela sua contradição, Antônio Cândido respondeu: 'É que, à beira mar, eu tenho que escutar o mar, mas na montanha é ela que me escuta'. Há aqui um grande fundo de verdade para uma alma sensível (30).

Muitos foram os assuntos musicais tratados nas cartas. Júlia discorre a respeito de J.S.Bach, Jean-Philippe Rameau – enviou-me inclusive, a meu pedido, um pequeno artigo sobre o compositor, inédito até o presente - Debussy, Ravel, Henrique Oswald, modalismo, canto gregoriano, Método Ward, entre os temas preferenciais. Pessoalmente, Júlia tinha o hábito de exemplificar a matéria que estava a comentar. De pequena estatura, ei-la sempre disposta a pegar um determinado livro na estante mais alta de sua biblioteca. E sempre, sem buscar ajuda, conseguia o intento. Um tema em especial teve conseqüências: o relacionado a Debussy-Francisco de Lacerda. Escreve: *Voltemos ao nosso caro Debussy. A propósito, seria interessante por a claro a Dança Sagrada publicada na **Revue Musicale** em número especial em 1904. Tratou-se de um concurso organizado pelo **Figaro**. Quando Ansermet (chefe de orquestra suíço), presidiu a uma das minhas comissões no C.N.R.S. em Paris, falou-me nesse caso dizendo que o tema era de Debussy. Aqui em Lisboa, falando do assunto a João Lacerda, reagiu incorretamente afirmando que a Dança Sagrada era do pai, Francisco de Lacerda. Deixei-o cair por detestar conflitos, mas cabe-lhe agora a vês a si. Com Ansermet já nada se pode adiantar porque já faleceu (31).* A respeito da Missa de Requiem de Henrique Oswald, escreve: *Recebi sua carta de 9/11 com a Missa de Requiem de Oswald. Que surpresa e que mimo ! Fiquei contente e feliz. Não a analisei ainda em profundidade, mas só de vê-la ressalta a simplicidade e perfeição da escrita (bastante modal) numa conjugação perfeita do texto latino com a melodia. O respeito da palavra latina com a sua acentuação e o seu ritmo próprios foram observados em toda a obra. É difícil encontrar uma Missa de Requiem tão simples e curta, escrita polifonicamente (32).* Sobre Bach, lembra-se da sua própria juventude: *Eu, nos meus tempos de violinista em que trabalhava 7-8 horas por dia, iniciava cada dia de trabalho com a bela e magnífica **Chacone** para firmar bem o arco nas cordas. Eu adoro (grifo J.d'A.) Bach ! não pode ser músico quem o não entende e não o sinta (33).* A pedagoga se faz presente quando comenta: *Mudando o tom destas linhas que, musicalmente fogem a 'tom' e a 'modo', envio um recorte de jornal para a coleção do querido irmão. Esse recorte dá um dos momentos em que eu fiz cantar pelos dedos de uma criança de 4 anos, improvisando-lhe pequenas curvas melódicas, dando-lhe o tom da 1º nota. O facto passou-se em demonstrações públicas num Simpósio realizado no Conservatório Nacional, em concorrência com diversos Métodos. E...dos fracos não reza a história ! Estava em causa o Método Ward, que ofuscou bastante as demonstrações dos outros Métodos 'Orff' e 'Willems' (34).*

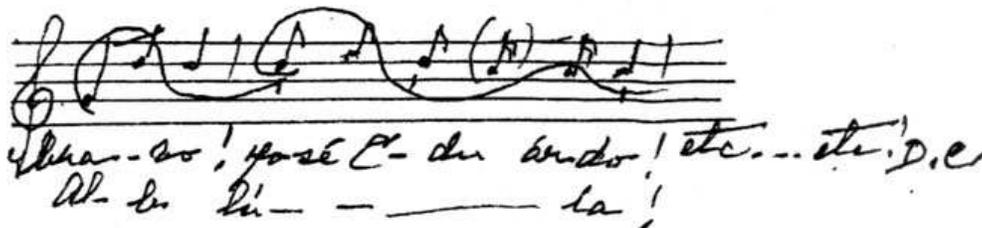
Podemos verificar a generosidade da amiga e o atávico gosto pela leitura através de uma outra carta: *Os seus planos de conclusão de sua tese de doutoramento muito me alegraram, e, mais ainda, o dizer-me que os livros que lhe dei sobre ‘Estética’ lhe têm sido muito úteis. Quanto tal facto me alegra ! Um abraço pela informação com a qual muito me regozijei. Durante os anos que vivi em Paris, o meu sport predilecto era percorrer os alfarrabistas do ‘Quartier Latin’ e de ‘Notre-Dame’...Cada louco ou louca tem a sua mania...(35).*

Basicamente, as reflexões de Júlia d’Almendra fixadas nas missivas têm relações com os estados de espírito que caracterizam a musicóloga portuguesa nos momentos de solidão. Há a possibilidade da colocação de conceitos, não se descartando determinados conteúdos, sonhadores, espirituais, nostálgicos, tristes, todos sentimentos que integrariam uma carência afetiva. As festas do fim do ano fazem-na recordar um passado feliz em Samões e Lisboa ao lado de seus familiares. Escreve: *As quadras das principais festas do ano são sempre os dias mais tristes para mim, por sentir mais do que nunca a profundidade da minha solidão, sem o irmão que Deus me levou ! Nesse dia eu estava absolutamente sózinha com os meus pensamentos, a trabalhar (36) !* Buscando o repouso: *Sigo amanhã, às 7 h. da manhã, para a minha terra natal, em Trás-os-Montes. Vou procurar encontrar-me a mim mesma, escutar o silêncio, hoje tão raro ! Vou sózinha para a minha tebaida em busca de sossego de corpo e alma...creio que bem merecido...(37).* Júlia sente um alento a qualquer sinal de afeto: *Você sabe como eu sou sensível a quanto traduz afeto. É hoje tão raro...(38).* E continua, um mês após: *Nada há para mim mais consolador na vida do que o afeto. No mundo egoísta que hoje contactamos é tão difícil, tão raro de encontrar!...Envio um artigo do Humberto d’Ávila (39), que o fará sorrir. Após montanhas de incompreensão e lutas, é agradável que nos façam justiça, mas sem alarde...modestamente (40).* Dois momentos a revelarem essa abertura de Júlia frente à menor lembrança a ela dirigida: *Quando ante-ontem à meia noite e meia hora (hora de Lisboa ), o telefone tocou, pensei, ainda por um velho hábito adquirido, no irmão que Deus me levou e que geralmente depois da meia-noite me telefonava todas as noites a pedir que não trabalhasse mais...que não me cansasse...que fosse deitar-me porque ele também iria fazer o mesmo ! Mas, pensando nesse irmão predileto, eu acorri triste ao telefone. Não podia ser ele ! Era outro irmão que Deus me trouxe (...) desanuviei o espírito (...) Fiquei, pois, menos triste, mas compensada espiritualmente (41).* E, de Parede escreve: *Não sei se alguma vez terá experimentado a sensação de desconforto que é ter de entrar sózinho numa casa vazia de vida humana ! É uma interrogação...que iremos encontrar ? é um misto de receio estranho. Foi a sensação que senti há dias, a última vez que precisei ir ao 25 da Alegria. Deu-se, porém, surpresa extraordinária ! Quando as quatro fechaduras se abriram, deparei com um grande envelope amarelo enriquecido com enorme variedade de selos: a letra era sua ! O caso parecia afirmar-me: ‘entra...o irmão em Debussy espera-te: Vem !’ O facto de ser um grande envelope que não cabia na caixa do correio, levou o carteiro a metê-lo debaixo da porta. Ali estava, pois, no chão, uma grande riqueza que estava longe de pensar receber e apreciei muitíssimo (42).* Júlia questionava sempre, pessoalmente, o fato de determinadas pessoas insistirem ter enviado cartas, e deduz com certa dose de humor: *Eu pergunto: porque é que as nossas cartas não se perdem ? Se recebem sempre. (...) Sempre ouvi dizer que só se perdem as cartas que nos convém...Naturalmente, se não são mandadas por via aérea e esperam ainda os barcos do século passado, é natural que nunca mais cheguem (43).* No Natal de 1982, encanta-se com a luminosidade da capital portuguesa e tem esperanças numa possível redenção do Homem: *O Natal, tempo de Paz e Amor está com o*

*seu cortejo brilhante de milhares de luzes a iluminar as ruas de Lisboa ! Mensagem de Paz, deverá a Humanidade tornar-se mais humana.*

Nesses anos de intensa actividade epistolar, é sensível a gradual queda da qualidade física, destacadamente a partir de 1985. Assim mesmo, Júlia mantém uma de suas referências, o humor: *A minha saúde está au ralenti... A anemia agravou-se e os meus olhos doentes de tanto abusar d'eles até altas horas da noite. Agora, a minha sala de jantar parece um depósito de farmácia...não se assuste. A irmã costuma reagir bem. Assim será, espero* (44). E, nesse misto de relato sério, mas com uma certa dose de descontração, escreve em um cartão postal: *O meu silêncio é devido a uma grave intervenção de urgência e 8 dias de internamento no Hospital de Sta. Maria em Lisboa. Caso de uma hérnia estrangulada que poderia ter-me levado para os anjinhos...Mas não foi desta vez ! Estou em Tomar a restabelecer-me* (45). Nova constatação do declínio físico: *A saúde tem baixado uns graus. O moral não é azedo, mas não é favorável aos ventos que passam, o que me faz preocupada. (...) O ano findo marcou-me muito, não no espírito mas fisicamente. Será que me reconhece ? Os nervos andam descontrolados e nem sempre os domino, mas estou a tratar-me com um médico e, se Deus quiser, estarei bem...*(46). Meses após, comenta: *Estarei aqui até 26 ou 27 de Agosto a recobrar forças, pois emagreci e me sinto cansada* (47). No ano seguinte, lembra-se do período doloroso durante o qual amargou a manifestação do herpes-zóster, sempre lembrado pela amiga nas conversas: *Eu, depois que tive a terrível doença que é uma 'zoma', senti as suas consequências bem dolorosas, mas, depois d'elas, outros factos houve, factos têm havido de ordem moral (grifo J.d'A.) bem mais duros e difíceis de suportar que as físicas* (48)! A referência pareceria clara em relação às arrelias advindas do Instituto. Na última menção à saúde, seria possível pensar num vaticínio: *Para mim estas últimas semanas têm sido fracas em trabalho. O coração anda um pouco arritmico...mas o médico encharca-me de drogas para que a mola vital se ordene. Não se preocupe, caro irmão. É esta justa razão por que o deixei dois meses sem dar notícias* (49).

Nos finais das cartas, Júlia buscava associá-las a algum modo ou tonalidade que pudesse refletir o estado de espírito do momento. Há certamente uma dose de fino humor nessas terminações. Como exemplos, mencionaríamos: *um abraço em IV Modo, bem Dórico e místico; Saudades ! Mil saudades num Modo Autêntico ! ; esta carta, posta em música, com tal diversidade de assuntos obrigaria a modulações; um abraço em Modo Dórico, com um 'celériter' e um 'tenere' para a suavidade do final; um abraço muito, muito amigo em modo menor, sombrio, na gravidade dos sons...; minhas saudades em Sol M.; afetuosamente, a irmã em Debussy, e talvez Ravel ; um abraço em VII Modo, o modo maior dos momentos de entusiasmo e de triunfo, inserindo com carinho uma lembrança musical:*



Em muitas das cartas durante todo o período, Júlia enviaria frases conceituais, muitas rememoradas de adagiários, outras criadas. Valem como reflexões:

- *Somente a arte, a oração e o amor são os verdadeiros meios de elevar o espírito acima dos ruídos da terra, ao encontro dos cimos da Beleza .*
- *Não basta que nós atinjamos determinado nível, se guardamos esse bem só para nós. A Música (com M Maiúsculo...) é um excelente meio de apostolado espiritual junto da juventude. É um grande meio de formação moral, creia .*
- *Um bom crítico não se mede pelo número de palavras, mas pela concisão.*
- *A modéstia não impede que o coração seja amigo .*
- *Os verdadeiros artistas são sempre almas simples...modestas .*

Basicamente, foram dez anos de convívio cercado do maior entendimento. Ficou a grande lição. Júlia entendia a Música como uma Missão, submetendo-se a ela, vivendo e respirando durante toda a sua longa existência os sons, as linhas em ‘celériter’ ou ‘tenere’, entendendo que os seus imensos conhecimentos não poderiam ficar restritos ao seu domínio. Espalhou entre crianças e adultos, durante toda a sua vida, as sementes da Música compreendida como o meio mais direto de se chegar àquilo que foi para ela o Norte, a visão de Deus ! Foi uma privilegiada. Todos nós, que a conhecemos e amamos, sabemos disso.

Claude Debussy nos uniu e entendia, mesmo sem essa visão escatológica, que na Música *...le total d’émotion qu’elle contient est introuvable dans quelque’autre art qui soit* (50). Foi esse total que Júlia d’Almendra buscou, encontrou e divulgou. Permanecerá.

José Eduardo Martins  
Universidade de São Paulo

## Notas:

- 1) Júlia d’Almendra. **Les modes grégoriens dans l’oeuvre de Claude Debussy**. Paris, Gabriel Enault, 1947-1948. Tese apresentada junto ao **Institut Grégorien de Paris**. Em 1962, convidada pelo **Centre National de Recherche Scientifique** da França, participou do Colóquio Internacional intitulado **Debussy et l’évolution de la musique au XXème siècle**, ocorrido em Paris entre os dias 24 e 31 de Outubro. Suas duas comunicações –*Debussy et le mouvement modal dans la musique du XXème siècle* (pp.109-129) e *L’influence de Debussy en Espagne et Portugal* (pp.263-267) - foram publicadas, juntamente com todos os outros textos dos mais eminentes especialistas internacionais, em 1965 pelo C.N.R.S. Bem tardiamente Júlia d’Almendra escreve um singelo estudo: *O ‘natal das crianças que não têm casa’ e o seu autor: Claude Debussy*. In: Canto Gregoriano. Órgão do Instituto Gregoriano de Lisboa. Braga, Barbosa e Xavier, 1980, nº 97, pp. 5-7. Palestras e conferências, realizadas por Júlia d’Almendra em Portugal sobre Debussy, ratificaram a sua extrema competência nessa temática a envolver o modalismo na obra do compositor francês.
- 2) Os originais das 40 cartas e 11 dos 13 cartões postais, assim como o texto inédito sobre Jean-Philippe Rameau foram doados pelo destinatário ao Centro Ward de Lisboa – Júlia d’Almendra em Fevereiro de 2004.
- 3) José Eduardo Martins. O som pianístico de Claude Debussy. São Paulo, Novas Metas, 1982.
- 4) Em 1990, François Lesure participou do júri de minha tese de livre docência, defendida junto à Universidade de São Paulo. Estivesse Júlia d’Almendra em condições plenas de saúde, com certeza teria igualmente integrado a banca examinadora.
- 5) Carta de Júlia d’Almendra a José Eduardo Martins. 27 de Abril de 1981.
- 6) Carta de 17 de Outubro de 1981.

- 7) Carta de 30 de Novembro de 1981.
- 8) Carta de 30 de Março de 1982.
- 9) Carta de 22 de Agosto de 1982.
- 10) Carta de 2 de Fevereiro de 1982.
- 11) Carta de 25 de Março de 1984.
- 12) Carta de 4 de Agosto de 1985.
- 13) Carta de 30 de Junho de 1986.
- 14) Carta de 9 de Novembro de 1986.
- 15) Carta de Junho de 1988.
- 16) Carta de 13 de Julho de 1988.
- 17) Carta de 23 de Janeiro de 1984.
- 18) Carta de 11 de Agosto de 1981.
- 19) Carta de 7 de Janeiro de 1982.
- 20) Carta de 2 de Fevereiro de 1984.
- 21) Carta de 29 de Março de 1984.
- 22) Carta de 13 de Dezembro de 1984.
- 23) Carta de 4 de Agosto de 1985.
- 24) Carta de 7 de Dezembro de 1985.
- 25) Carta de 15 de Agosto de 1981.
- 26) Carta de 11 de Setembro de 1981.
- 27) Carta de 7 de Novembro de 1982.
- 28) Carta de 3 de Setembro de 1984.
- 29) Carta de 4 de Novembro de 1985.
- 30) Carta de 28 de Novembro de 1985.
- 31) Carta de 17 de Outubro de 1981. Na realidade, João de Lacerda tinha razão. Publicada fôra a **Danse Sacrée – Danse du Voile** na prestigiosa revista francesa, obra que precede as **Danses Sacrée et Profane** de Claude Debussy. François Lesure, autor do catálogo da obra de Debussy, comenta: *Debussy tomou emprestado para a Danse sacrée o tema de uma peça do português Francisco de Lacerda, premiada num concurso do Figaro e cuja terceira parte (Danse du voile) foi publicada na Revue musicale. Segundo o jornal, Debussy teria apreciado a ‘firmeza do ritmo e a frescura da inspiração’, de acordo com V. d’Indy, que fazia parte do júri igualmente.* In: **Catalogue de l’oeuvre de Claude Debussy**. Genève, Minkoff, 1977, p.108. Recentemente lançado, um dos livros de François Lesure sobre Claude Debussy, republicação revisada acrescida igualmente do catálogo atualizado, no qual às páginas 257 e 282, o autor ratifica o episódio. François Lesure: **Claude Debussy-biographie critique**. France, Fayard, 2003. Leia-se igualmente: J.M.Bettencourt da Câmara, **A música para piano de Francisco de Lacerda**, Lisboa, Ministério da Educação e Cultura, 1987 e José Eduardo Martins, “*Claude Debussy et Francisco de Lacerda: correspondances sonores*”, in **Cahiers Debussy**, Paris, Centre de Documentation Claude Debussy, nº 25, 2001, pp. 83-102. O primeiro contato que tive com as composições de Francisco de Lacerda deu-se por intermédio do especialista na vida e na obra do compositor, autor de livros sobre a matéria e responsável por várias edições críticas a respeito, José Manuel Bettencourt da Câmara. Esse contato foi justamente em casa de Júlia d’Almeida em 1991, ex-professora e amiga do musicólogo nascido em São Miguel. Em 1992, apresentei nos Açores recitais comentados Debussy-Lacerda e, no biênio 1992-93, a integral para piano de Francisco de Lacerda em Lisboa, no Institut Franco-Portugais. Lembro-me que antes de viajar ao Arquipélago, em Fevereiro de de 1992, visitei a querida amiga Júlia, entendendo ser aquele encontro, o derradeiro.... Em 1999, pelo selo De Rode Pomp da Bélgica - comentários no encarte redigidos por François Lesure - gravei em CD obras de Debussy e de Lacerda. Logo após a **Danse Sacrée – Danse du Voile** de Francisco de Lacerda, inseri, não por acaso, as **Danses Sacrée et Profane** de Debussy na transcrição para piano solo de Jacques Durand, amigo e editor de Debussy. O texto de Lesure reafirma posicionamentos. Do CD constam, ainda, algumas pequenas peças de Debussy e, entre outras obras de Lacerda, as **Trente-six histoires pour amuser les enfants d’un artiste** do ilustre compositor açoriano. A frase de Júlia d’Almeida sobre o assunto Debussy-Lacerda: *mas cabe-lhe agora a vêz a si...*, fica pois esclarecida e interpretada tantos anos após, graças aos estudos mencionados.

- 32) Carta de 30 de Novembro de 1981. Tardiamente, aos 25 de Novembro de 1995, a Missa de Réquiem de Henrique Oswald foi apresentada no Conservatório de Música de Gent, Bélgica, em concerto inteiramente dedicado à obra do notável compositor romântico brasileiro, no qual participei como pianista em várias obras camerísticas. Em 2001, Suzana Cecília Igayara defendia dissertação de mestrado junto à Universidade de São Paulo, sob o título: **Henrique Oswald (1852-1931) : A Missa de Réquiem no conjunto de sua música sacra coral.**
- 33) Carta de 4 de Agosto de 1985.
- 34) Carta de 9 de Novembro de 1986.
- 35) Carta de 7 de Abril de 1988.
- 36) Carta de 7 de Janeiro de 1982.
- 37) Carta de 30 de Março de 1982.
- 38) Carta de 15 de Julho de 1982.
- 39) Humberto D'Ávila, musicólogo e crítico musical, é responsável por inúmeras redescobertas de textos e partituras musicais, manuscritos ou não, em Portugal. Privou a estreita amizade de Júlia d'Almendra.
- 40) Carta de 22 de Agosto de 1982.
- 41) Carta de 15 de Novembro de 1982.
- 42) Carta de 28 de Agosto de 1985.
- 43) Carta de 6 de Dezembro de 1982.
- 44) Carta de 7 de Novembro de 1982.
- 45) Carta de 6 de Dezembro de 1983.
- 46) Carta de 9 de Janeiro de 1985.
- 47) Carta de 4 de Agosto de 1985.
- 48) Carta de 9 de Novembro de 1986.
- 49) Carta de Junho de 1988 (s.d.).
- 50) Carta de Claude Debussy a Bernardo Molinari, 6 de Outubro de 1915. In: **Claude Debussy – Correspondance 1884-1918**, réunie et présentée par François Lesure. Paris, Hermann, 1993, p. 356.
-